



VOLUME 16, NÚMERO 1  
Janeiro- jul 2020

**ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO! EDUCAÇÃO FÍSICA, FORMAÇÃO E PERSPECTIVA**

**WHERE THERE'S SMOKE THERE'S FIRE! PHYSICAL EDUCATION, TRAINING AND PERSPECTIVE**

**¿DONDE HAY HUMO, HAY FUEGO! EDUCACIÓN FÍSICA, FORMACIÓN Y PERSPECTIVA**

Jederson Garbin Tenório<sup>1</sup>, Ronnie Fonseca Barbosa<sup>2</sup>, Lucas Andrade Carvalho<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Professor do rede estadual de Mato Grosso, Graduado em Educação Física pela UFMT e Mestre em Ciências do Movimento Humano/UNIMEP.

<sup>2</sup>: professor do IFMT. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (2013).

<sup>3</sup>- Professor da Rede Municipal de Paulínea (SP), mestre em educação pela UNIMEP.

Contato: jederson.21@hotmail.com

SUBMETIDO EM: 21-08-2019

PRIMEIRO RESULTADO: 30-10-2019

APROVAÇÃO FINAL: 20-03-2020

## RESUMO

A indústria do lazer e do entretenimento constitui uma área em desenvolvimento, que tem gerado emprego, renda, investimentos e tem despertado o interesse de diversos grupos da esfera pública e privada. Paralelamente à isso, há um crescimento vertiginoso de cursos de formação na área que seguem a lógica mercantilista e portanto, baseados em obtenção de lucros, que não representam uma preocupação com um ensino de qualidade. Este artigo tem como finalidade apresentar alguns dados que nos sugerem questões pertinentes em relação a formação acadêmica em Educação Física (EF), diante do novo cenário do Ensino Superior. Como procedimento metodológico, foi realizada revisão bibliográfica, caracterizando um tipo de análise que corresponde as pesquisas qualitativas. Podemos considerar que o grande número de vagas no ensino superior e a qualidade duvidosa dos cursos, principalmente de EaD, não garantam a inserção desses profissionais ao mercado de trabalho com qualidade.

**Palavras-chave:** Educação Física; Mercado de Trabalho; Formação Acadêmica; EaD.

## ABSTRACT

The leisure and entertainment industry is a developing area that has generated employment, income, investment and has attracted the interest of various groups in the public and private

spheres. Parallel to this, there is a dizzying growth of training courses in the area that follow the mercantilist logic and therefore, based on obtaining profits, that do not represent a concern with quality education. This article aims to present some data that suggest pertinent questions regarding the academic formation in Physical Education (EF) before the new scenario of Higher Education. As a methodological procedure, a bibliographic review was carried out, characterizing a type of analysis that corresponds to qualitative research. We can consider that the large number of places in higher education and the dubious quality of the courses, especially in distance education, do not guarantee the insertion of these professionals in the labor market. **Keywords:** Physical Education; Job market; Academic training; EaD.

## RESUMEN

La industria del ocio y el entretenimiento es un área en desarrollo, que ha generado empleo, ingresos, inversiones y ha despertado el interés de varios grupos públicos y privados. Paralelamente a esto, hay un rápido crecimiento de los cursos de capacitación en el área que siguen la lógica mercantilista y, por lo tanto, se basan en obtener ganancias, que no significan una preocupación por la educación de calidad. Este artículo tiene como objetivo presentar algunos datos que sugieren preguntas pertinentes en relación con la formación académica en Educación Física (PE) en vista del nuevo escenario de la Educación Superior. Como procedimiento metodológico, se realizó una revisión de la literatura, caracterizando un tipo de análisis que corresponde a la investigación cualitativa. Podemos considerar que la gran cantidad de plazas en educación superior y la dudosa calidad de los cursos, especialmente en educación a distancia, no garantizan la inserción de estos profesionales en el mercado laboral.

**Palabras clave:** Educación Física; Mercado de trabajo; Formación académica; EaD.

## INTRODUÇÃO

A realidade dos cursos de graduação no atual momento histórico é objeto de preocupação, frente ao desenvolvimento e expansão de instituições que ofertam a formação no ensino superior, de forma destacada a EF.

A EF é parte do fenômeno do lazer, que constitui uma área em desenvolvimento, que tem gerado emprego, renda, investimentos e desperta o interesse de diversos grupos da esfera pública e privada. Assim, o lazer se consolida como um segmento inserido no sistema social, político e cultural na sociedade contemporânea. Dentre os conteúdos do lazer com maior ressonância, o conteúdo físicoesportivo, talvez, seja o de maior destaque na mídia. Nesse caso, as práticas corporais, por meio do esporte, são manifestações valorizadas socialmente.

Paralelamente à isso, há um crescimento vertiginoso de cursos de formação na área (CÔRREA, 2016; PRONI, 2010), que seguem a lógica mercantilista e portanto, baseados em obtenção de lucros que nem de longe, significam preocupação com um ensino de qualidade.

Em virtude da grande propagação de instituições de ensino superior, especialmente de cunho privado e conseqüente aumento de matrículas em cursos de graduação em EF presencial ou Educação à distância (EaD), podemos pressupor que a qualidade de ensino não

consegue acompanhar esse crescimento, por haver predominância de interesses comerciais. A instituição é vista como uma “empresa” e o aluno como um “cliente”.

Esse aumento da presença de professores de EF disponíveis no mercado de trabalho é percebido quando nos deparamos com o anúncio de cursos de graduação, inclusive de EaD, em *outdoors*, além de vivenciarmos processos de seleção de IF's onde a concorrência por vaga ficava em torno de 80 candidatos por vaga.

Essas questões são movidas por lembrarmos de quando ainda éramos alunos da faculdade de EF da UFMT ao final da década de 1990 e, naquela época, se constituía no único curso de formação inicial do estado. Sendo assim, poucos profissionais supriam a demanda da região naquela época, em um dos maiores estados do país em tamanho geográfico, fazendo com que a percepção de valorização profissional fosse maior do que a atual. Tal realidade encontra “eco” nas palavras de Minayo (2001, p. 17): “[...] nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”.

Os problemas trazidos nesse estudo são: “Como o campo de trabalho consegue absorver um número excessivo de graduados para intervenção profissional?” e “Qual o impacto do aumento da oferta de cursos de formação à distância na área?”. Portanto, nossas reflexões recaem sobre a atuação do profissional na perspectiva de transformação, que possa ser suprida com a oferta de formação superior e com uma possível “povoação” deste profissional causando um “inchaço” no campo de trabalho.

Como finalidade, este artigo busca apresentar alguns dados que nos sugerem questões pertinentes em relação ao novo cenário do Ensino Superior da EF.

## **METODOLOGIA**

Como procedimento metodológico, foi realizada revisão bibliográfica, caracterizando um tipo de análise que corresponde às pesquisas qualitativas. Utilizamos as bases de dados Scielo, *google* acadêmico e BDTD. Para a busca utilizamos as palavras-chave (sozinhas ou combinadas): “Educação Física”, “Mercado de Trabalho”, “Formação Inicial” e “EaD”, tendo como critério de inclusão a associação desses últimos termos à EF, preferencialmente após o ano de 2010. Para Minayo (1994, p. 21-2) esse tipo de pesquisa:

(...) responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser qualificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Ao que se refere ao tratamento das obras que são referência para esse trabalho, tivemos como base as diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos, de acordo com Severino (2007): análise textual, temática e interpretativa.

Nessa fase, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, consideramos as ideias de Severino (2007, p. 122) que a descreve como sendo: “[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc”. Esse levantamento bibliográfico serviu de parâmetro para a discussão do tema e também para a construção do referencial teórico que deu fundamentação para possíveis reflexões.

O referencial teórico deste trabalho está baseado em autores da EF e do lazer, tais como Lafargue (2000), Daolio (2006), Gomes (2008), Proni (2010), Marcellino (2010), Silva e Bedoya (2015). O levantamento bibliográfico ocorreu do mês de março ao mês de junho de 2019.

### **O LAZER, A FORMAÇÃO INICIAL E O FENÔMENO ESPORTIVO**

O lazer, manifestação da sociedade urbano-industrial, é uma atividade que vem ocupando cada vez mais espaço no mundo moderno com o advento das modificações tecnológicas e industriais. Para Lopes da Silva e Silva (2012, p.86): “[...] o tempo de trabalho e o tempo livre eram considerados antagônicos, sendo o primeiro apresentado como necessidade, e o segundo como a liberdade e desobrigação”. As mudanças advindas dos progressos industriais e tecnológicos, modificaram dinâmicas sociais e estilos de vida, com a diminuição de cargas de trabalho, representando maiores possibilidades do usufruto do tempo “livre”.

A configuração do lazer se vincula historicamente à Revolução Industrial e ao modo de produção capitalista, surgindo como componente deste contexto, quando o trabalhador precisava recarregar suas forças após as jornadas extenuantes de trabalho.

Paul Lafarge (2000), foi um autor pioneiro no que se refere a defesa pela importância do tempo “livre”. Lafarge considerava que o modo com que as pessoas se comprometiam ao trabalho causava uma dependência ao modo de produção capitalista:

Trabalhem, trabalhem, proletários, para aumentar a fortuna social e as vossas misérias individuais, trabalhem, trabalhem, para que tornando-vos mais pobres, tenham mais razão para trabalhar e serem miseráveis. Eis a lei inexorável da produção capitalista (LAFARGE, 2000, p.20).

O autor supracitado, curiosamente era genro de Karl Marx. Este, simbolizava em toda sua obra, a denúncia em busca de melhores condições de trabalho ao abordar conceitos relativos à mais-valia e exploração da classe trabalhadora pela classe industrial. Enquanto isso, as contribuições de Lafarge (2000), são inestimáveis aos estudos do lazer.

É sabido que a exaltação do trabalho, com a intensificação da produção e do consumo, relegava ao lazer um valor acessório e menos importante na vida das pessoas. Esse pensamento tenciona com as palavras de Russel (1957, p. 4): “Desejo dizer, com toda seriedade, que grande mal está sendo causado ao mundo moderno, com a crença na virtuosidade do trabalho...”.

Embora a relação entre trabalho e lazer na atualidade, não sejam vistas como opostas, mas complementares, a concepção funcionalista<sup>1</sup> de lazer e a relevância atribuída ao trabalho em uma sociedade capitalista, ainda compreendem o trabalho como esfera mais relevante na dinâmica social.

Quem já não ouviu alguém “desabafar” que seu dia precisaria ter 25, 30 horas? Ou então, manifestar que seu sonho é aposentar e curtir a vida, muito antes de se tornar um idoso? Do ponto de vista de relevância, essas percepções e significados são, por vezes, tidas como um paradoxo na vida dos sujeitos. Portanto, tanto a esfera do trabalho, quanto a do lazer, são espaços e tempos extremamente próximos na contemporaneidade.

O lazer passou a desempenhar importante atividade a ser usufruída pelas pessoas, com o aumento do tempo “livre” na sociedade contemporânea e a procura pelos bens de consumo, sendo o lazer, muitas vezes, traduzido como uma conquista a ser alcançada, uma mercadoria a ser comercializada (GOMES, 2008). Essas mudanças geram reduções nas jornadas de trabalho e na forma como as pessoas utilizam seu tempo “livre”.

O professor de EF, sempre teve uma aproximação histórica com o campo do lazer, principalmente com os conteúdos físicos esportivos, especificidade de sua área de atuação. Assim, é relevante uma reflexão acerca de como o lazer é inserido no contexto da sociedade contemporânea em interface com a atuação profissional. Nosso conceito de lazer é baseado em Marcellino, que compreende o lazer:

[...] como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o

---

<sup>1</sup> Conforme abordado por Marcellino (2010), a visão funcionalista compreende o lazer como ferramenta de busca da paz social e a manutenção da ordem, apresentando quatro concepções, sendo elas: romântica, moralista, compensatória ou utilitarista.

caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação (MARCELLINO, 2010, p.29).

Os temas físicoesportivos do lazer são fenômenos sociais que se constituíram historicamente e geograficamente no século XX em uma das principais ferramentas da mídia, com características de espetacularização, pela linguagem universal e atrativa que estabelece com os indivíduos. Nesse sentido, a grande abrangência de conteúdos da cultura corporal de movimento ocorre, em grande parte, pela possibilidade de que as pessoas podem, em qualquer lugar do mundo, praticá-lo ou ter acesso à várias informações.

O corpo e o movimento são pilares da EF, que se situam na propagação de eventos esportivos, programas de redução de peso, aumento de cirurgias estéticas, academias de ginásticas cada vez mais equipadas e lotadas de frequentadores, etc. São espaços que abarcam distintas classes sociais, promovendo a socialização, a cooperação e a transmissão de valores, sendo conhecimentos presentes na vida social, fazendo parte do “tempo livre” dos jovens e adolescentes, que podem ser apreendidos em espaços sociais, na família, na escola, no grupo de amigos, além da mídia.

O lazer, por meio de temas físicoesportivos desempenha um papel cada vez mais importante na adoção de hábitos, escolhas e na vida das pessoas. Partimos do pressuposto que esse elemento da cultura, fruto de transformações sociais, pode influenciar de maneira relevante o delineamento da escolha profissional do sujeito quando conclui o Ensino Médio, estando em uma fase de dúvidas em relação ao seu futuro.

Importante destacar que o lazer pode ser um tempo propício para a vivência de possibilidades críticas e criativas, para além da perspectiva conformista. Portanto, a formação acadêmica não prescinde de suas possibilidades de atuação profissional.

O campo do lazer apresenta seu crescimento com uma relação muito próxima com a grande veiculação deste fenômeno à nível midiático, principalmente os conteúdos físicoesportivos e o grande espaço que este tema tem ocupado na sociedade contemporânea, se traduzindo em inúmeras possibilidades de vivências no tempo “livre”.

A ideologia veiculada pela mídia reforça a ideia de que, após várias décadas voltadas exclusivamente para o trabalho e para a escalada profissional, as pessoas estão concluindo que “viver bem”-ou seja, usufruir o lazer enquanto um produto que é comercializado na forma de shopping centers, bares, boates, festas, shows, clubes, esportes radicais, cinemas, CDS, jogos eletrônicos, Internet, parques temáticos, casinos, hotéis-fazenda, resorts, spas, pacotes turísticos e outras tantas atrações...(GOMES, 2008, p.75).

A EF, inserida em um contexto contemporâneo, dentro da esfera do lazer, sofre alterações e também se move com características dos conteúdos físicoesportivos em um diálogo com o campo de intervenção pedagógico. Ao buscarmos uma aproximação do lazer com outros elementos sociais, Harvey (1989) nos esclarece que o mundo pós-moderno trouxe como consequência a aceleração da circulação de mercadorias e do consumo, acentuando a volatilidade de processos de trabalho, da moda, de ideias e de práticas de lazer. Estas características do mundo contemporâneo, golpeiam experiências que eram tidas como comuns e cotidianas, mais duradouras, para usufruírem de vivências, muitas vezes, associadas ao consumo e ao supérfluo.

Essa importância vincula-se, sobretudo, à descoberta do lazer como a essência de um fecundo e promissor mercado capaz de gerar lucros significativos para aqueles que detém as regras desse jogo de poder social e político praticado em nosso contexto (GOMES, 2008, p. 74).

Tal fato, está associado à indústria cultural que explora o lazer acentuando ainda mais as diferenças de acesso dos sujeitos e dificultando a vivência de produções histórico-culturais de grande parte da população.

Isso porque, na contemporaneidade, as influências que permeiam nosso cotidiano estão altamente associadas a sociedade do consumo exacerbado. A grande influência da mídia no que concerne às atividades físicas e esportivas, têm implicações no estilo de vida das pessoas. Nessa direção, podemos perceber como os sujeitos são induzidos a consumir todo tipo de produto, desde que seja bem divulgado, passando a produtos materiais (aparelhos celulares, óculos, calçados) até ao próprio corpo, como a busca de cirurgias estéticas, tratamentos capilares, dermatológicos etc. Se vendem signos e imagens, mais do que a própria mercadoria (HARVEY, 1989). Segundo o autor, os sujeitos sofrem um “bombardeio de estímulos”, que fazem com que as pessoas tenham que lidar com a novidade e a descartabilidade fomentada no consumo. Não importa que o produto seja algo concreto, pois os mecanismos de envolvimento são cada vez mais sutis e ao mesmo tempo eficientes. Se observarmos o cotidiano urbano, nos deparamos a todo momento com o estímulo ao consumo, como se a felicidade e a satisfação somente pudessem ser alcançadas à medida em que as pessoas adquirissem aquilo que se vende.

A aquisição de uma imagem (ou mercadoria) passa a ser parte integrante na busca de identidade individual, autorrealização e significado na vida (HARVEY, 1989). Nesse contexto,

o lazer é visto como uma mercadoria a ser consumida, como se a conquista pelo usufruto do tempo “livre” só possa ser atingida por meio de um lazer consumido e, portanto, pago.

Conforme Daolio (2006), o homem vai se apropriando de valores, costumes, normas, em um processo chamado de “inCORPOração”. Desde que nascemos, recebemos e produzimos ações, atitudes e comportamentos que são produtos da dinâmica cultural da qual estamos inseridos, marcada pelas disputas e tensões em vários campos de interesse.

Nos espaços sociais circulam ideias e ações que penetram suas fronteiras “não delimitadas”, criando novas interações que atuarão na definição das identidades dos indivíduos. Todo este movimento revela as tensões entre várias forças intelectuais, econômicas e políticas em dimensões inter-relacionadas. Este momento da vida, marcada por incertezas e algumas escolhas, leva-nos a questionar: mas o que leva um sujeito ser professor de EF, considerando todos os obstáculos e barreiras que se estabelecem na EF? Segundo Benites e Souza Neto, (2011, p. 3): “[...] há uma escolha pela profissão por conta das experiências anteriores”. O futuro educador, geralmente escolhe a formação em EF por ter praticado um esporte anteriormente ou por se identificar com algum professor durante a escolaridade, ou até mesmo por ter afinidade com alguma prática corporal (dança, ciclismo, musculação, lutas, ciclismo etc), dentre outras.

Para reforçar esta ideia, Folle et. al. (2009, p. 33) salientam que: “Embora exista uma gama de fatores que podem influenciar na escolha pelo curso de educação física, parece que o esporte é um dos principais agentes de inserção...”. De modo geral, a representação que se tem do professor de EF é como um educador diferente dos demais no cenário educacional, por atuar em um espaço vinculado ao contexto do lazer e dessa forma, da atividade física e do esporte.

Tal cenário colabora para que possamos perceber a atual oferta e interesse pela graduação em EF, dentro da realidade do ensino superior no Brasil.

Nesse sentido, o que vemos é uma relação muito direta do campo do lazer, com a proliferação das instituições que oferecem o curso superior na área da EF. Na sequência, apresentamos alguns dados que representam muito mais que aspectos quantitativos, mas elementos que nos levam a refletir para além dos números.

### **EXPANSÃO DO NÚMERO DE CURSOS E VAGAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Os primeiros cursos de EF para civis surgiram em São Paulo em 1934 na USP e no Rio de Janeiro em 1939, na atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Posterior à esse



período, em 1969 o currículo de formação em EF ganha o *status* de nível superior após a resolução CFE de nº 69/69, que aumentava a carga horária para um mínimo de três anos e 1800 horas, outorgando título de licenciatura Plena e uma possível complementação de duas disciplinas para a obtenção do título de Técnico desportivo.

Com a abertura política e econômica, pós período ditadura militar (1985), o país viveu um momento de efervescência de ideias e propostas, não sendo diferente no que se refere a educação em nível superior.

A Resolução nº 03/87 decretava o fim do currículo mínimo, substituído por áreas de conhecimento, conteúdo identificador da área e conteúdo de natureza técnico-científica, ampliação da carga horária mínima para 2880 horas e tempo mínimo de quatro anos, além da criação da titulação de Bacharelado, visando atender exclusivamente o mercado não escolar, que estava em início de processo de expansão.

Com a lei 9696, de 1º de setembro de 1998, foi regulamentada a profissão e criados os conselhos de classe, como o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), com atuação à nível nacional e os Conselhos Regionais de Educação Física (CREF's), com atuação em todos os estados do país. Em função disso, desde sua criação, várias tensões foram criadas entre pesquisadores, Universidades e o sistema CONFEF/CREF. Essa disputa ocorreu muito, em função, da divisão da formação superior entre licenciatura e bacharelado, além de “brigas” e discussões por espaços em diferentes campos de intervenção profissional.

Em 2002, pelas exigências do modelo socioeconômico, o Ministério da Educação (MEC), reformulou os currículos dos cursos de licenciatura, com as Resoluções CNE/CES 01 e 02 de 2002.

Paralelo à esses documentos, em um contexto global, a entrada de investimentos estrangeiros pôde ser entendida naquilo que Harvey (1989) defende como expressões da compressão tempo-espaço na era atual, tendo implicações no ensino superior, que passava a ser visto como um nicho a ser explorado. De acordo com Silva et. al. (2009), a declaração de Doha em 2001, produziu um documento determinante na: “[...] liberalização da educação, transformando-a de sua condição de bem público em serviço a ser comercializado na esfera do mercado internacional”. Esse documento intermediado pela Organização Mundial do Comércio (OMC), preconizava a liberalização e expansão do comércio para desenvolvimento local, equivalência de diplomas, padrões para a formação profissional, validação de títulos estrangeiros e certificação de competências, entre outros exemplos do que passaria a obedecer

a legislação da OMC, sendo, por isto, mantidos fora do alcance de qualquer legislação nacional.

Ao arrolar a educação como um item de serviço a ser regulamentado pelo Acordo Geral sobre Pautas Aduaneiras e Comércio, cuja sigla em inglês é que se tornou conhecida (*General Agreement on Tariffs and Trade, GATT*), estariam dadas as condições para a remoção dos obstáculos à sua completa mercantilização. Passariam a vigorar para os então chamados serviços educacionais as mesmas normas atinentes aos demais serviços (SILVA et. al., 2009, p. 4-5).

Os quadros abaixo apresentam uma proliferação de cursos de Ensino Superior e vagas em EF no país, após o ano de 1991, de maneira que o crescimento é produto das transformações e aberturas políticas e econômicas ocorridas nesse período.

A n o	Nº de cursos de Licencia tura e Bachare lado
1 9 9 1	117
2 0 0 0	267
2 0 0 4	469
2 0 0 8	815

2 0 1 5	1386
2 0 1 9	2089

**Quadro 1- Fonte:** Adaptado de Inep (2006); Silva e Bedoya (2015); e-mec (2019).

<b>An o</b>	<b>Nº de vagas nos curso s de EF</b>
20 00	2011
20 10	1054 6
20 15	1490 11

**Quadro 2-Fonte:** Indicadores das Graduações em Saúde. Estação de Trabalho IMS/UERJ do ObservaRH. Disponível em: [http://www.obsnetims.org.br/uploaded/4\\_7\\_2013\\_0\\_Educacao\\_Fisica.pdf](http://www.obsnetims.org.br/uploaded/4_7_2013_0_Educacao_Fisica.pdf). Acesso em: 05 de fev. 2019.

Esses números expressam um aumento “gigantesco” que não se conjuga com um ensino de qualidade na formação acadêmica. Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2015, a licenciatura em EF é a segunda<sup>2</sup> em número de alunos do país, ficando atrás somente da graduação em pedagogia.

<sup>2</sup> TÍTULO DA REPORTAGEM QUE EVIDENCIA O GRANDE NÚMERO DE ALUNOS QUE BUSCAM FORMAÇÃO EM EF: “CENSO: EDUCAÇÃO FÍSICA É A SEGUNDA LICENCIATURA COM MAIS ALUNOS NO PAÍS”. DISPONÍVEL EM: <HTTP://AGENCIABRASIL.EBC.COM.BR/EDUCACAO/NOTICIA/2016-10/CENSO-EDUCACAO-FISICA-E-SEGUNDA-LICENCIATURA-COM-MAIS-ALUNOS-DO-PAIS>. ACESSO EM: 08 DE

Considerando o crescente número de vagas e formação de alunos em EF, não é possível que os campos de atuação, possam absorver esse quantitativo de profissionais, com possibilidades de melhorias salariais, de prestação de serviços com qualidade e elevação de *status* profissional. Segundo Salles, Farias e Nascimento (2015), a baixa remuneração, ocupação de postos de trabalho por estagiários e saturação do mercado é um dos empecilhos na área da EF.

Conforme Proni (2010), o campo de trabalho ainda é predominante na oferta de vagas em escolas, academias e clubes esportivos. No entanto, em cidades de médio e grande porte, outros campos de atuação são possibilidades de intervenção para esse profissional. Isso porque, no Brasil, cidades com até 20000 habitantes correspondem à 70,36% dos municípios brasileiros (IBGE, 2010) e isso, de certa forma, representa a existência de oportunidades restritas, muitas vezes, distintas de grandes centros urbanos. Ainda assim, percebe-se nas últimas duas décadas, a atuação desses graduados em diversas áreas, tais como indústrias e comércios, devido à baixa expectativa de remuneração e crescimento profissional dentro da EF. Assim, de acordo com Salles, Farias e Nascimento (2015, p. 475): “[...] o surgimento de novas oportunidades e de modalidades de atuação contrasta com o desemprego crescente em determinados campos de intervenção”.

Essa grande demanda de formação acadêmica, impulsionada por interesses capitalistas, sem que haja uma certa rigorosidade, com a inserção no mercado de trabalho e com a intervenção pedagógica, é objeto de preocupação. Gomes, Machado-Taylor e Saraiva (2016), nos esclarecem que essa situação se configura com o surgimento de alguns grupos econômicos de grande porte que atuam no ensino superior.

Muitas dessas instituições começaram a explorar o EaD, como uma modalidade extremamente “lucrativa” onde a EF também é ofertada, assim como outros cursos, como Matemática, Ciências Biológicas e Química, por exemplo. “Esse modelo institucional adaptado ao segmento educacional promove conflitos evidentes entre os valores educacionais e dos negócios” (CARVALHO, 2013, p. 773).

Não se trata de desvalorizar as aprendizagens que podem ocorrer em processos de EaD, mas, não podemos acreditar que, como regra geral, alunos oriundos de EaD vivenciam

um curso de formação, com os mesmos resultados de aprendizagem aos comparados com cursos presenciais.

A intervenção pedagógica que oportunize a vivência de saberes imprescindíveis ao campo de atuação, favorece os alunos na medida que os mesmos poderão dialogar, experimentar e suscitar a dúvida, diretamente com a presença do professor e também com os colegas. Segundo Russel (1957, p. 188): “[...] as crianças, como os adultos, não serão virtuosas se forem totalmente livres”. Nesse caso, a liberdade pressupõe que os alunos não tenham a referência de um processo pedagógico mediado pelo educador. Uma mediação pedagógica tem como finalidade, conduzir os estudantes a ampliarem sua visão referente à um determinado tema, contribuindo para o acesso ao conhecimento sistematizado.

Com cargas horárias presenciais reduzidas e a atribuição de tarefas de pesquisas sendo encaminhadas aos alunos pelos tutores dos cursos de formação, que atendem ao mesmo tempo *on-line*, um grande número de estudantes, as atividades podem não ser realizadas com um nível acadêmico satisfatório. Conforme nos esclarece Luckesi(1994, p. 140):

[...] educativamente, não podemos ter como parâmetro para a constituição curricular o conhecimento e a experiência espontânea dos educandos, sob o risco de estarmos impossibilitando aos nossos educandos a assimilação do legado crítico e, conseqüentemente, a elevação de seu patamar cultural.

É recorrente entre os profissionais que se inserem no mercado de trabalho, uma reflexão acerca da necessidade de ter estudado mais, ter pesquisado mais, durante a época que frequentavam a graduação. Essa importância dada ao conhecimento se dá, de certa forma, em função da figura do professor, do contato direto, da experimentação, da aprendizagem presencial que nunca poderá ser substituída<sup>3</sup> pelas novas tecnologias, que podem ser um complemento ao ensino, mas não se constituem em um modelo principal de formação, ainda mais considerando a área acadêmica que, tem no corpo e no movimento, dois elementos preponderantes. Luckesi (1994, p. 118) nos esclarece que: “O educando é um sujeito que necessita da mediação do educador para reformular sua cultura, para tomar em suas próprias

---

<sup>3</sup> Em relação à adoção de novas tecnologias na educação, vamos fazer uma analogia com o jogo, nos baseando em Caillois (1990, p. 61), que compreende: “Dir-se-ia faltar alguma coisa à atividade do jogo quando esta se reduz a um simples exercício solitário. Geralmente, os jogos só atingem a plenitude no momento em que suscitam uma cúmplice ressonância”. Esse autor defende que, o jogo solitário não pode ser considerado um jogo propriamente dito, pois considera que jogar é “jogar com alguém”, vivencialmente. É dessa maneira que compreendemos a formação nos espaços educativos formais. Aprender é “aprender com o outro”, com o professor, que terá condições de, presencialmente, estabelecer uma relação de aprendizagem com o educando, muito melhor, que de maneira não presencial.

mãos a cultura espontânea que possui, para reorganizá-la com a apropriação da cultura elaborada”.

Cursos sem a presença (física) do professor, não podem ser considerados como um processo pedagógico que explore a total capacidade do estudante, diante da necessidade deste, ser um sujeito pesquisador, característica que não é presente na maioria<sup>4</sup> dos alunos, em um país como o Brasil. Por exemplo, na última década, as grandes empresas do segmento de livrarias, enfrentaram uma crise terrível na venda de livros impressos, tendo que buscar outras alternativas e produtos para superar esse problema.

Nessa direção, um aumento muito grande do acesso aos cursos superiores se prolifera em uma proporção desigual em relação a qualidade do ensino e das exigências à inserção ao mercado de trabalho de futuros profissionais (CÔRREA et. al., 2016).

Em 2015, formaram-se em EF, 35032<sup>5</sup> alunos nas instituições de ensino superior. Se considerarmos que o maior número de vagas para esses alunos (futuros professores) estão presentes no ensino básico, em academias de ginásticas e clubes esportivos (PRONI, 2010), podemos pressupor que há um grande número de profissionais e assim, seguindo uma lógica capitalista, em havendo um número grande de ofertas que não atendam a demanda, os vencimentos a serem pagos tendem a diminuir. Manfro (2017), investigou bacharéis em EF e concluiu que, a maioria dos profissionais pretendiam, ao longo de sua formação, ter outra carreira para complementar ou substituir a jornada de trabalho. “Ter uma graduação paralela é uma ideia que acompanha muitas pessoas dentro da Educação Física (MANFRO, 2017, p.69). Além disso, segundo o autor supracitado, a incerteza sobre o futuro é uma realidade para quase todos os sujeitos investigados, diante do mercado de trabalho altamente competitivo. A figura abaixo, busca representar essa situação.

**Décadas de 1980, 1990**

**Década de 2010**

---

<sup>4</sup> Moura, Matsudo e Andrade (2001) investigaram o nível de leitura de graduandos em EF e, concluíram que, o contato dos mesmos com produções acadêmicas é muito pequeno. Se formos considerar o aumento do acesso da população às redes sociais e a ocupação do tempo “livre” nos dias atuais, os dados podem indicar um quadro mais preocupante.

<sup>5</sup> **21.013 PESSOAS SE FORMARAM NA LICENCIATURA E 14.019 NO BACHARELADO. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://G1.GLOBO.COM/EDUCACAO/GUIA-DE-CARREIRAS/NOTICIA/MAIORIA-DOS-DIPLOMAS-EM-EDUCACAO-FISICA-SAO-DA-LICENCIATURA-MAS-PROCURA-PELO-BACHARELADO-TEM-CRECIDO-MAIS-VEJA-O-RAIO- X.GHTML](https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/maioria-dos-diplomas-em-educacao-fisica-sao-da-licenciatura-mas-procura-pe-lo-bacharelado-tem-crecido-mais-veja-o-raio-x.ghtml). ACESSO EM: 02 DE FEV. 2019.**



**Figura 1: Imagem representativa da alteração no campo de trabalho ao longo das décadas.**

É assim que ocorre, por exemplo, quando grandes conglomerados de academia, de ginástica e musculação oferecem vagas para estagiários ou até mesmo para instrutor, pagando um baixo salário e, assim repassando uma mensalidade com valor baixo para os clientes. Como consequência, contrata-se bons executores, com corpos bonitos para os padrões de beleza, idealizado pela cultura dominante, que sirvam como propagandistas da empresa, muito mais que educadores, considerando o cliente sob seu aspecto exclusivamente biológico, desconsiderando suas diferenças culturais, como preconizado por Daolio (2006), em que o autor aponta a necessidade de rompermos com uma visão restrita da *performance* e do trefismo.

Um “recent-formado” na década de 1980 e 1990, ao concluir a graduação, possivelmente tinha facilidade para atuar no campo do treinamento ou em academias, por exemplo. Passadas duas décadas, essa realidade mudou e o mercado está “inchado” de profissionais. Essa realidade é destacada por Barbosa (2011, p. 52), ao se referir a difícil realidade de inserção de graduados no mercado de trabalho: “Ao final de cada semestre letivo é “despejada” na sociedade uma quantidade de profissionais de educação física muito maior do que a necessidade do mercado”.

Dessa forma, o paradoxo qualidade e quantidade, é um obstáculo no que se refere à valorização e atuação profissional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo nos possibilitou refletir sobre a consideração do lazer como produto a ser consumido e apontar lacunas em relação a formação inicial em EF, em aproximação com

a crescente mercantilização do ensino. Como consequência, a formação inicial tensiona elementos pedagógicos com princípios comerciais, preocupando-se de maneira predominante com o aumento quantitativo de inserção de novos estudantes nas instituições. Uma formação que seja capaz de considerar o lazer como manifestação cultural, constitui espaço importante para a vivência de valores que se contrapõe ao modelo dominante, sendo uma das premissas para mudanças no *status quo* de uma realidade que nos é apresentada.

No entanto, a crescente oferta de ensino superior, principalmente à nível EaD, indica a precariedade de uma formação mais sólida, que garanta a presença de bons professores no âmbito da intervenção, tanto na licenciatura, quanto no bacharelado. Caso o Estado não interfira com uma ação concreta, que garanta uma melhora na aprendizagem e evite que cursos sem a mínima garantia de qualidade continuem credenciados, há que se preocupar com uma desvalorização acadêmica na área, devido ao um número excessivo de alunos formados com qualidade duvidosa. Por se tratar de um problema recente, a mercantilização do ensino superior carece de novos estudos que complementem a problemática apresentada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, C. L. de A. **Educação Física e Filosofia: a relação necessária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BETTI, M. **A janela de vidro: Esporte, televisão e educação física**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- BRASIL. MEC. **Instituições e Cursos de Educação Superior**. Brasília/DF, 2019. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 06 jan. 2019.
- \_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CARVALHO, C. H. A. de. A mercantilização da educação superior brasileira e as estratégias de mercado das instituições lucrativas. **Revista Brasileira de educação**, v. 18, n. 54, 2013.
- CORRÊA, E. A.; SILVA, L. H.; PIMENTA, T. F. da F.; DRIGO, A. J. A constituição dos cursos de formação inicial em Educação Física no Brasil. **R. bras. Ci. e Mov.** v. 24, n. 1, p. 27-42, 2016.
- GOMES, C. L. **Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Editora UFME, 2008.



GOMES, V.; MACHADO-TAYLOR, M. de L.; SARAIVA, E. V. O Ensino Superior no Brasil: breve histórico e caracterização. **Ci. & Tróp.** Recife, v. 42, n. 1, p. 106-129, 2018.

HADDAD, A. E. et. al. A trajetória dos cursos de graduação na área da saúde: 1991-2004. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Edições Loyola, 1989.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Cortez, 1994.

MANFRO, P. X. **A percepção de carreira de profissionais de educação física e a atuação no mercado de academias: expectativas e realidades.** 2017. 87 fls. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano. UFRGS. Porto Alegre, 2017.

MARCELLINO N. C. et. al. O conceito de lazer nas concepções da educação física escolar: o dito e o não dito. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE, 12. **Anais do XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.** Caxambu: CBCE, 2001, p.1-9.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOURA, E. S.; MATSUDO, S. M.; ANDRADE, D. R., Perfil do hábito de leitura de alunos do curso de Educação Física do Centro Universitário UniFMU. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** v. 9, n. 2, p. 29-37, 2001.

PRONI, M. W. Universidade, profissão Educação Física e o mercado de trabalho. **Motriz,** Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 788-798, jul./set., 2010.

SALLES, W. das N.; FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V. do. Inserção profissional e formação continuada de egressos de cursos de graduação em Educação Física. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte,** (São Paulo), v. 29, n. 3, p. 475-486, jul./set., 2015.

SEVERINO, A. **Metodologia Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. M.; BEDOYA, V. M. (Orgs). **Formação Profissional em Educação Física na América Latina: Encontros, Diversidades e Desafios.** Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

SILVA, T. P.; LOPES da SILVA, C. **Lazer e educação física: Textos didáticos para a formação do profissional do lazer.** Campinas, SP: Papirus, 2012.